além da casca, azeda e doce

Iª COLETÂNEA - TAMARINA LITERÁRIA

além da casca, azeda e doce

1ª COLETÂNEA DA REVISTA TAMARINA

Título: Além da casca, azeda e doce – 1ª Coletânea – Tamarina Literária
Organização: Revista Tamarina Literária
Edição: Eduardo Ezus
Projeto gráfico, Capa e Ilustração de capa: Mariana Gandarela

Sumário

Além da casca, azeda e doce

Por ***Íris Cavalcante***

Aqui, não definimos gênero literário. Antes de pensarmos no movimento que cada autora vivenciou para produzir os textos desta coletânea, o que vemos em ***Além da casca, azeda e doce*** é a conquista de um espaço de poder feminino. Algo que nós mulheres reivindicamos há séculos e até hoje, temos que estar em vigilância constante para romper as fronteiras de gênero e ocupar essas lacunas históricas com ternura e força.

Não nos falte a ternura. Somos sagradas, múltiplas, únicas e coletivas. Mas o que nos convoca todo dia é a força, a coragem, a resistência, o enfrentamento. Não fugimos ao *front*, despedaçadas ou inteiras, sozinhas ou acompanhadas. Afinal, estamos sozinhas quando estamos sozinhas?

Eu respondo que não, com a propriedade das convicções alcançadas, se temos a melhor companhia, que é a nossa versão reconstruída, depois dos saqueios, dos golpes, das violências várias. A fatura dessas convicções foi paga com antecedência e não foi um preço qualquer. Algo entre o divino e o sublime acontece, quando nos damos conta de nossas conexões internas, do poder feminino que nos ergue após a curva, da sustentação de nossas iguais que nos ajuda a voltar à verticalidade, e nos reencontramos com aquela que mais precisa de nosso cuidado materno: a menina que fomos e a mulher que somos, em movimento constante de ebulição. Isso se dá com as vozes narrativas de ***Além da casca, azeda e doce,*** a partir do lugar de ocupação de cada uma dessas mulheres.

Não há que se buscar metade da laranja, porque a laranjeira produz o fruto completo. Há que se encontrar novos sabores, sim! azedos, doces, agridoces, amargos também. Isso sofistica nosso paladar e nossas escolhas, mas não somos reféns desses sabores. Podemos experimentá-los e misturá-los, até atingir a fórmula que nos satisfaça. Não caminhamos atrás nem por trás de ninguém. Interessante é caminhar ao lado. De dois, não viramos uma única pessoa, porque as pessoas têm suas individualidades e um caminho próprio a percorrer. Nada é eterno porque *para-sempres* são instantes. Podemos ser mães ou não, porque o corpo feminino é nosso patrimônio político e não um instrumento de convenções. Ele nos convoca ao autocuidado. Podemos usá-lo para gerar uma criança ou decidimos que não, que a motivação não é essa. Nós o usamos para o nosso prazer, seja somente conosco ou partilhado com alguém. Corpo que é santuário como a alma, bem-aventurados são os que acessam corpo e alma de uma mulher.

Então, eu faço um chamamento aos homens: não ceguem olhos para esta nova mulher que se ergue das ruínas, que não esconde o próprio caos e se orgulha das revoluções internas. Esta mulher que escreve sua narrativa, erra, corrige, corta, copia, cola, edita, revisa, reescreve e lança seu texto à vida. Caminhem conosco.

Também faço um chamamento às mulheres: nunca estamos sozinhas, se temos umas às outras. A mutilação de uma é a mutilação de todas. Os espaços ocupados por uma abrem

caminho para as outras. Somos cúmplices nessa irmandade feminina, na queda e na ascensão, somos pedra e somos rio, pântano e bosque. A história de cada uma é uma relíquia e merece ser contada, escrita, falada, para que o mundo saiba de nós.

Esse é o grande perigo da leitura, da escrita, de toda forma de arte e revolução: rasgar a opressão, conquistar o conhecimento que nos arremessa cada vez mais longe, que nos faz alcançadas pelo infinito.

"e esqueceram que é aqui

na carne fêmea

que entra vida

cresce vida

explode vida

mas botaram deus no masculino

e a ele concederam o poder

no meu útero lateja qual membro à força a lei dos homens"

(Milena Martins Moura)

Milena Martins Moura

[*sem título*]

esse calor

é só para lembrar

que existe fogo

no forno aceso no cimento do quintal no isqueiro

entre as minhas pernas

existe um fogo inextinguível

darwin darwin conhece

a evolução favorece

fogo no corpo

não se apaga em água benta

disseram assim na minha vida

vagina é erro é defeito

é nome feio

vergonha

vagina é alfa

ômega

e vergonha

é parte suja do corpo

é pecado é pecado

ofertar ao namorado

esfregar na fronha

deus proíbe

deus castiga

só deus dá vida

e esqueceram que é aqui,

na carne fêmea

que entra vida

cresce vida

explode vida

mas botaram deus no masculino

e a ele concederam o poder

e no meu útero lateja qual membro à força a lei dos homens

Gabriele Rosa

[*pequena*]

toalha. amamentada no bico de crochê. o cordão estica do ventre aos dias. laço infinito. danço na agulha das horas. no passador marrom manchado, o café amargo. três gotas de angústia. cinco colheres de fé. reflexos. vestido-espelho. vermelho seco, oco, torto. educação. etiqueta. submissão, por que não? eu não sou ela. fraturas. pele costurada em ponto baixo, baixíssimo. carrego comigo todas as que vieram antes. devorada. não engulo mais. fluida. lenço. baço. qual engasgo te semeia?

Gleice Ferreira

[*ana*]

Sou anciã de pele acobreada

Roceira, com os pés fincados no chão

Acocorada no meio do terreiro

Parindo o tempo.

No meu patuá carrego alho

Contra egum que

Me protege de quebranto

Sem preconceitos brado o meu canto ancestral.

Sou mulher que carrega água de poço na lata enferrujada.

Sobre a cabeça uma rodilha de chita

Gotas d'água caem pelo caminho

No rebento de mim

Derramo vida em solo fértil.

Mel Gomes

[*velhice*]

Rugas profundas, gasturas infindáveis e agonias desgastantes

Poente do doce afeto mesquinho e sufocante

Continuação do conserto quebrante de ossos

Pontos no útero e pancadas seguidas sem pauta de merecimentos

Filhinha, o mundo não te cobra o mel, mas te rebate com o amargor de misturas e restos escabrosos

Ponta de magnólias reluzentes ao raio refletido amofinando, apagando, ruindo a fonte vitalícia dos amores jogados de espinhos troados a cutânea face das rosas cálidas, penosas, abortadas

Como o feto surgido de entranhas repudiantes ao alento vivaz de afetos

Nota de repúdio ao açúcar, ao marmelo, divagada por cordões rompidos pelo corte doloroso do bater

Camélias definhando a brisa cambiante à guilhotina de audácias

Cortem as cabeças de lotus floridos

Não chore, benzinho, se me vês retalhada

Disforme, cansada, no escasso fôlego presente daquilo que me sugam a cada segundo

A rotatividade cobra e mata os cipós que sustentam a base precisa ao desenvolvimento embrionário

Provenho do pó

Me fiz vidro

E ao pó me estraçalham

Me voltando

Ao chorar

CELLINA MUNIZ

[*uma semana cansativa*]

Era do tipo que todo dia na semana aplicava na selfie um batom bem vermelho, postando nas redes sociais para todo mundo não deixar de saber: #empoderada.

No sábado, antes de sair, mandava mensagens para centenas de seus muitos milhares de contatos. Quem colar, colou. Pesava em leilão pessoal e tolamente arbitrário quem melhor companhia, aquele modelo ideal para a missão principal de ser muleta onde se amparar em noite de mundo cão.

Nos domingos, ela, a empoderada, sentia que tudo se complicava um pouco mais. Insistia nas caras e bocas para postar no Insta, mas acontece que nem ex-marido pagara pensão nem mamãe emprestara o carro, então com a grana disponível só descolaria ou o Smirnoff ou o Uber. Na redução de danos, postava verso escolhido a esmo sabe-se lá de quem ("sentado não tem sentido") e ia mergulhar no seu suposto e poderoso eu, maratonando série na Netflix e cuidando da sobrancelha no espelho, espelho meu. Na pausa para a pipoca de micro-ondas (e mais uma selfie, é claro), mandava indiretas para muitos de seus crushs da vez. Perguntava, como esfinge sofisticada:

– Será a galinha pedrês?

Porque o lance não era mais fazer romance, sabe? Diria ao terapeuta na segunda-feira. O lance era se afirmar, existir para tudo e para todos. Existia? Esse não era o lance. O lance era mostrar ao mundo como era senhora do seu destino, aliás, senhorita, pois só tinha trinta e poucos anos, explicava, com risinho nervoso e forçado. Signo leão, aliás...

Na terça, mais aliviada, ia ao salão de beleza destilar maledicência, confabular sobre celebridades e colegas enquanto rearrumava os dreads postiços, afinal, black is power, black is beutiful e meu cebelo, minhas regras. Nesse ínterim, a manicure,

distraída, arrancava-lhe um bife da cutícula já que o fígado não podia. E distraídos venceremos.

Na quarta, fornecida de mesada e autoestima, ia a sarau ou exposição se crer a intelectual, a fineza mental em pessoa etc. e tal, ia findar a noite bem sóbria num sorvete banal e caríssimo de tapioca com licor de tangerina porque aceitava elegantemente que muito mais vasto é o mundo.

Na quinta, depois de bancar a mãe do ano nas lições de flauta e inglês devidamente registradas *on line*, ia para a roda de samba. Queimava então junto com o universo, queimava com todas as estrelas de todas as galáxias, queimava em calorias e queixumes, queimava e enquanto queimava fartava-se fazendo mais poses para os paparazzi vesgos e brochas do bairro.

E eram tão poucos, e tão parcos...

Depois, derretia-se ela em quarentena solene e sagrada para oferendas a Oxalá. Na sexta-feira. Em outras palavras, vivia sua verdade miserável de animal humano demasiadamente humano numa tosca e tacanha realidade em que saboreava mais uma ressaca.

Ressaca era assim: momento de sentir sete dores. Ressaca no córtex, ressaca no estômago resistente, ressaca no coração que insistia em não entender, ressaca na perna direita bem na batata torta, ressaca no ombro esquerdo bem na tatuagem (era um chapéu de bruxa), ressaca na pupila vesga à direita, ressaca no calcanhar.

E era ali, era ali onde mais doía a ressaca. Vai-se entender. Não conseguia estar. Nem rir, nem gozar, curtir ou calcular. O calcanhar quando de ressaca era o que mais doía e impossibilitava qualquer passo.

Tipo naquele dia quando, num ônibus distante a caminho de São Paulo, um cara não se aguentou e se trancou no banheiro pra fumar um Hollywood.

O sucesso.

Era só um careta. E o ônibus já seguia na marginal. Em breve estaria na rodoviária. Em breve todos desceriam e tudo pareceria normal.

Mas alguém tinha que se doer. Sabe-se lá onde aquele distante cheiro de nicotina doeu naquele boy. No ombro, córtex, pupila? No coração que nunca entenderia? Não se sabe e não importa, o fato é que o boy se doeu e foi lá bater na porta do banheirinho do ônibus, ele muito forte em sua dor era aliás o próprio Hércules (ou seria Aquiles?):

- Abre aí, ô seu fumante! Sou obrigado a fumar seu cigarro, meu? Não pode fumar no ônibus!

E seu tom de voz, tonitruante, fazia dele o próprio dono da lei, o moço que foi lá bater na porta do banheiro sem sequer parar pra pensar que tudo não passava de uma leve fumaça.

Do mesmo jeito, o calcanhar dela é que então doía terrivelmente. Quis dizer, ô mané, deixa de criar guerra por nada, é só um careta, e os agrotóxicos, e esse horroroso que tá falando na cadeira da presidência, vai gritar pra lá...

Ela quis dizer e baforar na cara daquele mané, mas seu calcanhar...

Nem o coração entendia.

Mas eis tudo aquilo passou feito fumaça e mais um sábado chegava. Ela, a empoderada, se aprumava muito séria, tentando esquecer a cara sem graça do cara saindo do banheiro, calado, uma cara sem nenhum sucesso. Ninguém ali o defendeu e ela preferiu respirar fundo e jogar o par de dados para saber quem seria o próximo escolhido, aquele a quem mandaria o zap da vez:

- Vamos tomar umas, gatinho?

Catou os cigarros na bolsa e verificou se a bateria durava o tempo de uma noite.

Antes, a zilhionésima selfie da semana. E um cansaço feroz.

Gabriela Lages Veloso

[*a água*]

Carrego a vida em minhas moléculas.

Assumo os mais diversos estados,

Mas, em todos eles,

Tenho o poder de regenerar.

Sou mãe de todos os seres vivos,

Às vezes, me faço tranquila

Doce remanso.

Às vezes, sou intempestiva

Fúria dos mares.

Em todos as minhas formas,

Cuido e sustento a vida.

Tudo o que peço é reciprocidade.

Shauara David

[fé na vida]

Se ela mostra o abismo

também dará as asas

e só então empurra

tua alma

às velhas sombras

novas aventuras

não faltará fôlego

nem deleites

o voo será conduzido

fé em si

na grandiosidade oculta do simples

habitam eus em descoberta

tanto Deus

no tato do sentimento

a saciar pequenas necessidades

faz valer os fios brancos

a cada nova fase.

Nirlei Maria Oliveira

[*poder*]

empodera

você

para

poder

ser

mais

você

Nirlei Maria Oliveira

[*voz e cabeça*]

levante a voz

grite suas dores

levante a cabeça

enfrente

em frente

Mariane Oliveira de Sousa
Arquiteta das Letras

[*"tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas"*!]

Para vivermos em paz e harmonia,
o essencial nos bastaria.
Mas, seria possível definirmos tal condição,
quando temos olhos e, é cega a visão?

"Se às 4:00 horas vieres me visitar,
desde às 3:00 horas, estaria a te esperar."
Sendo um ato simples e singelo,
porém, grandioso e belo.

A sabedoria é a mãe da verdade,
para buscarmos a felicidade.
Os valores éticos e morais, reconhecermos,
Afim de a cabeça, corpo, coração e alma enriquecermos.

Mesmo com todos os ensinamentos,
misturamos, por vezes, os sentimentos.

Já não distinguimos o que são importantes,
é que ainda continuamos ignorantes.

Bastávamos um exemplo seguirmos,
para um melhor mundo construirmos.
"Ama-Lo sobre todas as coisas, foi o pedido
e servirmos ao invés de sermos servido".

O mundo nos abre as portas à várias conquistas,

mas precisamos das habilidades dos alquimistas,
e, cada qual necessita ser mensurável,
afinal: "tu te tornas eternamente responsável..."

Sabrina Morais

[*sem título*]

Eu-liríco,

Tá tudo muito caótico, tem muita coisa envolvida. E eu só tô tentando ficar o melhor possível e viver os dias que me são dados. Não consigo ficar pensando muito sobre o que tá por trás, sobre soluções, sobre culpados etc... Eu já pensei muito sobre tudo isso, a conclusão que tive é que tem coisas que não estão ao meu alcance, sou uma mera humana diante do todo. E eu não quero ser detentora da verdade, se ela existe. Me sinto cansada. Tento resolver e entender só o que está dentro de minhas possibilidades. E não vejo isso como conformismo ou isenção. O contrário, precisa de muita disposição e coragem pra enfrentar a vida como ela se encontra e ainda acreditar que possa um dia tudo melhorar ou simplesmente deixar de existir e aceitar as condições postas.

Quero teu bem.

De: Dias e Dias

Anivair Maria de Oliveira Gaia

[*vida na roça*]

Vida na roça

É show de bola

Acorda com o cantar do galo

E anoitece ouvindo moda de viola.

Tomar café vendo o sol nascer

Ouvindo o som dos passarinhos

Sabiá cantando nas laranjeiras

Assanhaço, bem-te-vi e canarinhos.

Tirar leite para o sustento

Moer capim para o gado

Faça sol, chuva ou vento

Seja segunda, domingo ou feriado.

Para os porcos dar o fubá

Pras galinhas o milho do paiol

O quintal capinar

Ouvindo o canto do rouxinol.

Correr pelos pastos verdes é legal

Parece que nem existem problemas

Achar na cerca um urutau

E ouvir o canto das seriemas.

Tudo isso de Deus é obra

Cheia de encantos e maravilhas

Planta, colhe, vende o que sobra

Não deixando faltar nada para a família.

Observar o João de Barro

Faz a gente refletir

Tudo isso que narro

Na roça eu já vivi.

Que saudade de lá

De separar o feijão e arroz da palhoça

São as mais doces lembranças

Da minha vida na roça.

Josiane Rosa de Oliveira Gaia Pimenta

[*a mais bela rosa*]

Vovó Rosa, que fazia uma comida deliciosa

Desenhava modelos de roupas e ficava ainda mais charmosa

Que comigo viu as estrelas no céu

E me escrevia cartas de papel.

Maior que o seu tamanho

Era o tamanho do seu coração

Ajudava a todos por perto

É a nossa inspiração.

Mulher brava, tomava as rédeas e falava com propriedade

Sem nem pensar, na lata ela já falava a verdade.

Contava história e a gente dava risada

E as suas bravezas até hoje geram muitas gargalhadas.

Cultivava rosas e outras flores em seu lindo jardim

E num piscar de olhos

Voou para o céu

Onde vai cultivar flores sem fim.

Que saudade vovó

Da melhor comida, das melhores risadas

Dos melhores conselhos, dos mais apertados abraços

Das maiores palhaçadas.

No céu, uma linda flor você virou

Aqui na terra saudades deixou.

Em nossos corações, vai sempre morar

Até que um dia no céu, possamos nos reencontrar.

Josiane Rosa de Oliveira Gaia Pimenta

[*o vovô do chapéu*]

Vovô Adalberto

Esse é um cara esperto.

Exemplo de honestidade

E verdadeira humildade.

Camisa de manga comprida

Chapéu na cabeça e xô preguiça!

Contador de piadas melhor não há

Homem trabalhador, daqueles de enxada e pá.

Muitas coisas ele nos ensina

Sobre a vida, sobre as histórias de família

Sobre o que é o amor verdadeiro

E como ser um bom companheiro

Causos e piadas como só ele sabe contar

Faz a gente de bobo

E ri até não aguentar.

Vovô Adalberto, nossa inspiração

O patriarca da família

Te amamos de montão.

Laura Redfern Navarro

[*partir*]

Agora é hora de partir, eu digo a mim mesma, quando certas coisas aparecem em meu mapa astral agora, determinadas conjunções e o que elas parecem querer dizer sobre mim, como instantâneos que remontam o agora, o meia-hora atrás, o ontem, o sete horas depois e o amanhã — todos eles pendurados num varal. Eu não acredito em oráculos.

Quando as palavras e o silêncio não se fazem mais conscientes, é absoluto. Quando se perde a capacidade de ser poeta e inventar, a gente precisa escrever um diário com palavrões cabulosos, xingando a todos que amamos, durante três dias, igual Jesus Cristo, e então retornamos ao lar, e tentamos escrever algo que não dá certo, porque ainda estamos amorfos.

Um corpo amorfo, que não fala, ao menos não está sendo deixado para ser reanimado por outro — em camas, especialmente. As camas, que, com os cadernos, nos deixam em nossos únicos espaços particulares. Mas a humanidade sempre seguiu o mesmo caminho de tempos em tempos: abandonar uma cama e buscar por outra, ou compartilhá-la, ou doá-la para instituições de caridade. Com os cadernos, a gente não faz isso — a gente os esconde melhor do que nossas carteiras, porque ninguém sabe quem pode roubá-los, porque, quando os roubam, fazem exatamente aquilo que, no fundo, nós queríamos fazer esse tempo todo: arrancar as páginas referentes a eventos ridículos. Ou, se não fazemos isso, os esquecemos o suficiente para escondê-los até melhor do que antes.

Agora é hora de partir. Mas partir não é necessariamente uma despedida, um adeus, um *bye-bye*, *sayonnara*. Vejamos, ninguém aqui está tentando propor ou enfiar embaixo da sua goela nada radical; na verdade, estou apenas reiterando o que acho certo agora: partir. Conhecer outros mapas dentro dos vincos de meu cérebro que talvez não me tenha dado conta ou ver os pombos em diferentes ângulos, na espreita

tentativa de encontrar uma pomba inteira branca e fotografá-la, tremida, porque pombos são animais e animais não gostam de fotografias.

Continuarei por aqui, bem ao seu lado, talvez virada para outro canto: esse território ainda é tão meu que posso escolher ser nômade dentro dele. É uma dinâmica interessante, essa que costumam chamar de exílio. Você sai de um vício de linguagem e o adapta para que ele seja mais propriamente seu. Exílio, em sua definição original, não é uma palavra adequada, me dou conta: você não empresta outra língua por escolha, mas por disfarce; ou melhor, pela necessidade de um disfarce.

Aqui, porém, é um pouco diferente: quanto mais línguas se sabe, mais suas elas se tornam, como pedaços recortados que lhe são indissociáveis, para sempre, mas não em totalidade; a sua nacionalidade é o seu nome, porque nenhuma nação consegue fornecer um texto que o penetre, mas você escreve textos que farpam a todos a todo momento. A nível particular, se você quer saber, ninguém está isento de ser exilado. Isso acontece o tempo inteiro e ninguém parece se dar conta. E então nós escolhemos o que parte e o que fica, e o que deve ser mantido entre o silêncio e a palavra, e como a palavra deve se portar, numa etiqueta própria.

partir também significa rasgar um pedaço de papel em dois ou mais pedaços.

[e, talvez, colá-los em outros papéis que também podem estar sendo

rasgados em múltiplos outros pedaços.

Laura Redfern Navarro

[*nosce te ipsum: o corpo como ferramenta*]

Em 1984, a já idosa Marguerite Duras trazia ao mundo suas lembranças de juventude na Indochina francesa, atual Vietnã, marcada pela miséria, pela disfunção familiar e pelo envolvimento com um homem rico e mais velho do que ela. Essas memórias, porém, não aparecem em seu livro, o polêmico *O Amante*, de maneira linear ou justificada - Duras adota um caminho mais imagético, fragmentário, mais ligado à vida significada pelo corpo.

Suponho que sua atuação em outros campos para além da escrita não seja a razão definidora da forma como foi elaborado seu romance, mas talvez sua relação com suas próprias memórias, tão nebulosas e dolorosas, que, ao mesmo tempo, são apresentadas, curiosamente, de forma muito fresca quando vistas sob o ponto de vista das sensações.

A partir dessas características, *O Amante* traz abertura à importante discussão entre os possíveis entrelaçamentos entre corporeidade e criação, em especial no que diz respeito à criação artística, estando não apenas presente, como se poderia supor, às produções de cunho erótico ou especificamente ligadas a experiências físicas (como fome, aborto, abuso e guerra). Falar de corpo significa trazer à tona a completude da autenticidade de um artista, que, em movimento, consegue deslocar uma elaboração de um sentimento para a sua realização, o que o torna honesto e até mesmo mais claro em sua comunicação, o que ocorre mesmo no caso de Marguerite Duras, uma mulher que conseguiu transpor e ressignificar no papel toda a sua vulnerabilidade a partir de uma linguagem considerada "experimental" e “fragmentária".

Duras, porém, não foi e nem será a única a adotar esse tipo de trabalho com a linguagem. Quem maneja com qualquer tipo de produção criativa sabe, ao menos instintivamente, que seu aperfeiçoamento pode ser explicado a partir do que o teórico alemão Harry Pross cita como “a comunicação sempre começa e termina num corpo”, tratando a corporeidade como uma interlocução primária, que se faz

enquanto objeto e objetivo da comunicação. A boa arte, isto é, a arte autêntica, honesta, não é trabalho da mente, na realidade, ela se dirige a transpor ideias que movem uma corporeidade tentando mover outras corporeidades.

Essa transposição baseada no corpo, especialmente a nós, que nos dedicamos à escrita, pode parecer um pouco demasiado intuitiva, instintiva ou inusitada, visto que produzir a partir do próprio corpo, geralmente, traz a sensação de trabalhar com o desconhecido e, julgo, até mesmo, com um sutil descontrole, como se ideias e imagens simplesmente surgissem (ou, em alguns casos, nos perseguissem), ou como se o caminho para um poema, para um conto ou para qualquer outra coisa não seguisse conforme o seu fio condutor inicial. O corpo não nos espera, e seu movimento não pode ser "fechado" ou "redondo". Um texto literário fechado, redondo, é um texto mal feito.

O bom texto, por outro lado, é aquele que se esconde e que se revela e, principalmente, permite uma torção. É um texto que, depois de escrito, se pergunta como foi que aquilo foi escrito. Porque não há resposta. A resposta está dentro e fora de seu autor: no corpo.

É necessário, portanto, na criação artística, abarcar o corpo como enigma, signo cujo significado parece mutável e mutante a todo instante, sendo domínio seu e, ao mesmo tempo, do mundo. Por isso mesmo, acredito que deva ser acolhido e conhecido - de forma instintiva - como o recurso poético ou artístico mais primitivo, aquele que nos fornece os instrumentos necessários para se construir o emprego de uma ou outra palavra dentro de um determinado texto, a razão de se querer comunicar aquele determinado texto e, mais importante, o jeito de ser daquele determinado texto.

Rozana Gastaldi Cominal

[*vasto carrossel*]

Açoita o meu peito a penumbra

Dorida

Anseio pela chuva

Calmaria para o mal-de-amar

Corta o meu corpo a sombra

Ofegante

Desejo água morna

Arrebatamento de meu pensamento

mais íntimo

Anestesia os meus sentidos o banho

Insone

Alcanço o bálsamo benigno

para o mormaço

Inebria a minha alma a paixão

Enternecida

Exibo o troféu almejado:

arco-íris, rouxinol, aloés,

relva, mel, vasto carrossel

Jorram emoções banhadas

de profunda entrega

Escorre da alma o rancor

Seja como for

no ar, eu-mulher

eterno sempre será o amor

Miriam Merci

[*minha terra*]

Meu Nordeste

Terra amada

Tem belezas naturais

Tem poesia, cor e calor

Tem cultura e muito mais

Seja homem, mulher ou menino

Se tratando de ser nordestino

Tem garra e sangue na veia

Alegria semeia.

Dentro ou fora do país

O nordestino é alegria de viver

E simplesmente ser feliz.

MIRIAM MERCI

[*mulher nordestina*]

Tem beleza, tem anseios

Tem fé e ousadia.

Tenho pressa companheiro

Tem seca e fome todo dia.

Sua força que irradia de Madalena a Maria

Inventa a felicidade, quando deseja e quer

Sabes bem que tenho nome

Meu nome é mulher.

Mãe de Maria, Jesus, João ou José

Mãe daquele nordestino

Que todos chamam Mané

Que constrói uma metrópole com força no coração

Esperança, alma de criança e sem ambição.

Roana Gonzaga

[*sem título*]

Eu acho que tem coisas que realmente não são para ser, sabe? Ou, ao menos, ocorrem em momentos inoportunos. Mesmo tendo tudo pra ser, de fato, muito bonito, não acontecem e ficam por isso.

É como se, de alguma forma, o universo quisesse unir coisas, apesar de saber que não é o momento. É como se fosse só uma amostra de que nem tudo está perdido, mas que também não será dessa vez, sabe?

Talvez seja só uma visão meio infeliz dos caminhos, dos desencontros, das emoções e da vida; é como se fosse tudo isso misturado e o resultado é alguma coisa que a gente demora a descobrir. Pode até ser que seja bom, mas também pode ser que nos magoe muito e essa linha de raciocínio e de suposições é um fardo.

E é um fardo difícil, como qualquer outro. A pequena diferença chega a ser uma linha tênue, sendo só a vontade de que tudo não passe de uma mera brincadeira do destino conosco e que, de alguma forma, os caminhos um dia estejam entrelaçados novamente.

Chega a ser ingênuo o jeito de pensar que tudo é assim, que é sútil, simples. Chega a ser mais doloroso ainda achar que foi por falta de reciprocidade, e talvez seja essa a verdade. Mas do que vale a realidade sem uma doce ilusão? Para os amantes, de muito não vale.

É como se guardássemos um apreço maior pela curiosidade de como poderia ter sido, das coisas que imaginamos fazer, mas nem tivemos a oportunidade.

É como se o que não se concretizou trouxesse um ar de mistério. É isso o que instiga a ilusão. É o gostar do acaso na ilusão de sentir muito por algo que nem existiu, e nós nem sabemos, ao menos, se o desejo era de ambas as partes.

LUANA KERLY

[*sem título*]

Há uma curva que toda gente reconhece

um pequeno espaço entre uma certeza brilhante e um até logo eterno

nem precisa de muitas palavras

o espaço pequeno entre dois corpos

o abismo estranho e doloroso de não poder falar nada

essa coisa não dita que não tem hora pra se esgotar

ainda resta uma lágrima no canto do olho, uma vontade boa de segurar com a ponta dos dedos o que aquela curva me arrancou

aqui ainda toca meu bolero favorito, que me leva pro lugar mais seguro e que não tenho certeza que conheci

mas nem tem você

porque antes também não tinha

e é assim que tudo se faz esse momento

pequeno

gentil

essa curva

que toda gente

Reconhece.

_adeus

Uma poetiza de quinta categoria
[*por frente e por trás*]

Era carnaval, um carnaval atípico, do tipo que não existiu por causa da pandemia que o cretino do Mito desdenhou como gripezinha.

Eu estava lá, enclausurada, triste com o país e com a falta de uma pica para me fazer esquecer todas as pragas que havia. Era segunda-feira e eu decidi que ainda assim, sem multidão, eu iria carnavalizar. Abri uma das muitas garrafas de vinho e fui ler Aretino.

Eu estava lá folheando as páginas do livro e do que eu tenho entre as pernas de libélula quando chegou a mensagem no meu whatsapp:

Oi!

Kd tu?

Hummm, engoli saliva, cheirando o dedo médio da mão e lembrando o colega do colega que era colega e que conheci na véspera e se fizera também meu colega, então. De fato, trocamos contatos na noite anterior sob o viaduto na noite do asfalto gasto e brilhante de chuva. Dele eu não sei, mas de mim eu imaginava logo mais trocar fluidos e seivas em muitas lambidas e chupadas.

Pelo menos.

Um verso ainda, talvez...

Era o que eu esperava. De repente, me vi na dúvida, prestes a vê-lo, enquanto vestia com força a calcinha lilás: será que ele sabe que haveria de comer meu cuzinho?

Logo mais me comia mesmo, o maldito. E ainda sussurrava no meu ouvido uma voz de mel enquanto estapeava minhas ancas com mãos de ferro:

- Gostosa!

Ao lado da cama, Dostoievski, na estante testemunha, via tudo naquele carnaval, por frente e por trás.

MARIANA ARTIGAS

[*lua de artemísia*]

Adentrando o oceano

Cósmico, em terrena

Racionalidade.

Emerge, o abrupto

Controle escorpiano.

Equilíbrio entre

A flutuação e o abismo,

Etéreo, em um mar

De ecos.

Lua pisciana, mutável.

Intercurso de ir e vir.

Pitonisa,

Oriunda de delfos,

Sacerdotisa

E imperatriz.

Integrando duplos

Escorpiana, aquosa.

Sabedoria feminina

Essencialmente,

Serpente, provida de

Energia, ígnea

E subterrânea

Lua de Artemísia,

Ascendendo em poesia,

Sacerdotisa de Inanna.

Ge Fazio

[*apenas uma nova mulher*]

Dispo-me de algumas máscaras, vou desvendando
com o tempo um novo ser.
Pouco a pouco aparecendo me apropriando
de todos os espaços que sempre foram meus
Passamos por vários algozes
Pai, vizinhos, patrão e irmãos
homens, machos, tiranos
proprietários do nosso ser sem ser
Correntes cortadas, livrando
De todas as tiranias sigo rebelando...
Muitas vezes assustada... corpo frágil,
Faltava apenas contar com meus
Fortes e sábios neurônios...

Algumas vitórias sigo conquistando.
Não há desejo de estar à frente
nem tampouco aceito ficar atrás...

Mas junto... ao lado, de mãos dadas
Vivendo, conquistando, caindo e levantando
correndo por aí, vivendo

Atiro ao chão mais uma máscara.
Exponho minhas vontades, meus sonhos
e desejos e dou o meu grito...
Um grito da liberdade em querer
estar e simplesmente SER.

Solto as amarras que me atava,
Limitava as ações... que insistia em sair
por todos os poros, procurando o espaço
perdido, sofrido, negado e querido.

Não quero tempo e nem um dia marcado
Preciso de armas de flores aliadas aos saltos...
do meu dia a dia entre cólicas e células
multiplicando, gerando gêneros,

Dispo-me de todas as máscaras. Germina em
mim um novo ser... Feitos de homem e mulher.
Aborto todos os preconceitos e fragilidades
E deixo nascer em mim um novo ser...
Uma nova mulher!

Ge Fazio

[*entre rendas e cetins*]

Cubro-me com todos os panos...
as vezes rendas, algodões ou cetins
cubro meus sentimentos
profundos, doces e lágrimas enfim

Olho-me no espelho e não me vejo
estou a sombra...
a margem desse arlequim.
olho, sem fitar o que vem lá do
fundo da alma e logo penso
preciso camuflar

Mas hoje é diferente, é dia de alegria!
Alargo o sorriso e dou cambalhotas...
Externo tudo que o meu embrulho diz
palavras doces, alegrias e sorrisos

A essência explode!
Meu lápis derrama e uma gota brilhante
escorre pela face desse arlequim
formando um novo desenho

Dispo-me de todos os panos...
Jogo pro alto rendas, sedas e cetins.
Visto-me de pele, sensível que
chora, que ama e sorri.
Tiro a máscara...

Desnudo o palhaço que

a vida quis assim.

Sou a força, disfarçada e oculta

na fragilidade

aparente da mulher

Sou.

Clareanna Santana

[*quem sou eu?*]

sou a soma do que fui

e do que me fizeram ser

sou a mulher atrito

de livre arbítrio

tive que endurecer

ando com o punho em riste

sou vasta, múltipla e gigante

sou poeta e sou amante

sou aquela que resiste

se me ferem, viro fera

sou inquieta, às vezes, mansa

já fui dor, sou esperança,

minha paixão que me tempera.

de todas as versões que fui

de todas as que quero ser

sou a menina que precisou crescer

para ser essa mulher que reverbera.

Geanne Lima

[*perfume*]

Na alma tem um lugar

Que guarda aquilo que nos satisfaz

Capaz de guardar você

Já que não posso voltar atrás!

Tu tinhas o cheiro de ilusão

Eu sabia que seria assim

Eu sem tu

Tu sem mim

Foi um sopro

Escapei

Que sufoco!

Gostei

Hoje, desejo o teu desejo

Entre mil beijos que se foi

Ficou a lembrança

Em nós dois!

GEANNE LIMA

[*fugaz*]

Carreguei em mim
O teu beijo inebriante
Quanto tempo ainda temos?
Para mim, só um instante!

Tua voz sussurrante
Trêmula ao meu ouvido
Dizia-me algo cortante
Escapou-me um gemido

Ah se eu pudesse
Penetrar nos teus instintos
Me envolver nos teus sentidos
E fazer deles meu abrigo

Mas não sei onde tu moras
Foste tu quem me encontraste
E logo veio a despedida
Por que despertou em mim uma vontade adormecida?

Wanessa Maia

[*completude*]

Acreditou que era incompleta

Pois desde cedo ouviu

Que uma hora encontraria a sua metade.

Durante um tempo a esperou

Cobrava de si mesma

Essa parte que a fizeram acreditar.

Após longos anos de frustrações e ansiedade

Compreendeu que nunca foi metade.

Mergulhou no mais profundo do seu ser

Viu tamanha imensidão

Provou do amor próprio

E por si se apaixonou.

Descobriu dimensões

Que por anos estiveram ocultas

Hoje se sente completa

Sabe que é inteira em sua plenitude.

A sua completude não depende do outro

Depende daquilo que é e sente por si

Da integridade que somente ela

Tem para se oferecer

A sua completude depende do amor próprio

Que por anos o trabalhou

E hoje o tem como seu rico tesouro

Que ninguém lhe pode roubar

A sua completude é riqueza.

Wanessa Maia

[*luta pela liberdade*]

Sou movida pelo anseio e liberdade

De ser quem eu sou

Jamais será tarde ou tempo perdido

Acreditar em alguém que se encontrou.

Não me mantenho acorrentada

Rebelei contra os senhores.

Pulei do alto da torre

Onde passei anos aprisionada.

Lutei contra os dragões

Subi e pulei o muro

Construído ao redor do castelo.

Corri pela floresta

Enfrentei o ogro e fugi.

Lutei pela minha liberdade

Porque acreditei nela e em mim.

Libertei-me

Mas todas essas lutas

Ainda não findaram.

Hoje ando por aí

Escalando torres

Enfrentando dragões

Pulando muros

Correndo pela floresta

Enfrentando ogros

Para resgatar mulheres

Que ainda vivem aprisionadas

E precisam ser livres.

Beatriz Messias

[*sem título*]

Me pego me apegando em coisas que

pegam mal às vezes

Emprego no peso das pregas do afeto

Nem sempre me desapego e quase nunca

desprego daquilo que pego pra mim

Achava que com afinco determinava em mim

o desprezo pelo fim

BEATRIZ MESSIAS

[*sufoco*]

- Quando tudo isso passar
a gente vai se encontrar
a gente vai naquele lugar
a gente pode até sambar

- Quando tudo isso passar
não vou mais deixar voltar
vou relevar deixar passar
quem sabe aprendo a perdoar

- Quando tudo isso passar
eu quero ir pro teatro
aquela peça, o último ato
quem sabe uma exposição de retrato

- Eu só sei que depois que tudo passar
eu não vou ser mais a mesma
e todos nós sentaremos à mesa
servidos de amor e tristeza

Denilce Palomo

[*destino*]

tentando entender

os passos dados no escuro

as mãos que tecem as lutas

que me conhecem mais do que eu mesma

abre e fecha as portas que atravesso

e guia o barco em que navego

tentando desviar

dos ecos dos meus medos

fugir do alcance dessa mão tirana

encontrar a chave oculta desse labirinto

e jogar no mar minha bússola que já foi a preferida

para que meu destino se cumpra

sem venda, névoa ou ditadura:

recebi minha carta de alforria

Denilce Palomo

[fado]

A vida

Distrai

Trai

Atrai

Não dá paz

Resiste

Recria

Cria

Desfaz

Sempre se faz

Refaz

Repete

Existe

Persiste

Insisti

Aventura

Não tem medo da altura

É dura

Perdura

Sem pena

Pendura

Tudo mistura

Tempera

Espera

Uma vez que quase já era

Reputada

Revela

Em pauta

Mulheres sem pintura

Numa linda aquarela.

MARIA ZULEIDE

[*cordel da mulher nordestina*]

Sou uma jovem senhora,

Alegre e descontraída,

Gosto de contar histórias

Admiro a beleza da vida,

Também gosto

De uma boa música,

De poesia e,

Da viola

Do cheirinho do orvalho e,

Da aurora

Saí da zona de conforto,

Fui pra EJA estudar

Ampliar o conhecimento

Ver o que se passa por lá

Com o tempo a pele enruga,

Os cabelos embranquecem,

Mas o bonito da vida

É que a mente nunca envelhece

A vida tem seus problemas

Mas é fácil resolver

Quando se tem fé e,

Na força do seu poder

Das iguarias do Nordeste

Três coisas não podem faltar

O famoso cuscuz de milho,

Camarão seco e vatapá

Três coisas na vida são prioridades:

Ter fé em Deus

A União da família

E os amigos de verdade!

Monique Lima

[5:20]

um corpo sempre ardente

no espelho da manhã

se mira:

_o tempo nos iguala

qual sorte que padece!

e reflete com vergonha

de pertencer à mesma espécie

Monique Lima

[sem título]

este poema

é um trapo

hasteado qual bandeira

que reflete

o brilho do sol na poeira

e há quem vislumbre pouco

é gesto urgente semear a poesia

mimetizo Gentileza e sua profecia

pintando pilares de elevado sem vigas

FUCSIA HERRERA

[*eu*]

“Sobrevivi ao pior de mim

Trevoso, cinzento

Que só a ira dos meus pensamentos

São capazes de proporcionar

Navegando em devaneios

De marujo suicida

A capitão excluso

Num navio furado

Em nevoeiros sentimentais

Entreguei-me a excessos banais, desviei-me de mim,

Perdida em vicissitudes carnais

Obstruindo as próprias leis da natureza

Morri

E diversas vezes

Ressuscitei

Pelo simples fato

De proclamar meus versos insanos

Em seus ouvidos mundanos”

Fucsia Herrera

[*intragáveis*]

Rastejam, tropeçam

Passos e tropeços

Nas alturas e com sons estridentes

Mostrando todos os dentes

Demonstração de empatia ensaiada

Desfile bizarro, cego, oco

No calçadão

Cada um se veste do que não é

Do que não tem

Daquilo que não sabe

Exposição de mentiras baratas

Retenção de verdades em luto

Enferrujados, mecânicos

Seres sem vida

Despertam-se a cada dia porque assim se programaram

Porém

Sem questionamentos

passa um tempo num looping eterno

Repetindo as mesmas ações

Respeitando cegamente as mesmas menções

Ativando-se a alarmes

Incapazes de qualquer manifestação

Vivem

Ocultando-se

Em normas, dogmas, ordens

E quem ousa questionar que não são robôs?

Amanda Jacometi

[*sem título*]

desatina o tempo e o reflexo do que eu há anos tento ver nos seus olhos castanhos - quase cor de tempestade. hoje te escrevo por motivo algum, mesmo sabendo que talvez nunca leia essas palavras caídas em um quintal qualquer habitado pela poesia.

tolice! não há poesia no mundo capaz de mostrar - com fidelidade - o calor de uma presença. e eu, besta, sempre tentando explicar o inexplicável!

te olhando, às vezes, e me vendo refletida nesses olhos assustados, desejo que minha sina não seja a repetição. nem poderia ser:

(você lê e eu recito. você desarma e eu desconfio. você cai e eu paraliso. você trás dos montes e eu perdida em algum lugar do universo).

mas não faz mal, seu ombro ainda é o melhor lugar para repousar depois da turbulência - até as causadas pelas dores que eu não sei bem explicar.

e hoje decidi te escrever por motivo algum...

só amor

e por você.

TÁSSIA VERÍSSIMO
[*pandora*]

Não exponha

Se preserve!

Não fale sobre isso

Nem existiu

Vai ganhar o quê?

Ele morreu

A família não merece a sua falta de consideração

Quer aparecer?

Frescura!

Invenção!

Não foi nada

Já passou

Você consegue gozar

Não tem trauma

Não tem marca

Era a bebida

Era doença

Não foi por mal

Esquece isso

Ninguém lembra

Não aconteceu!

Você tem certeza?

Memórias são fabricadas

Você deixou

Você não falou

Ele não teve culpa

Você tem.

Christy Najarro Guzmán

[*das pegadas da história, minha trilha carioca*]

Recentemente fui apresentada a "tarde em Itapoã": "Um absurdo você não conhecer essa música", me disse quem me enviara via *Whatsapp* o vídeo que mostrava Vinícius, sentado diante de uma mesa, em que descansava uma garrafa, provavelmente de cachaça (ou *Whisky* e uns copos de água). Ao lado direito aparece Toquinho, com seu violão inconfundível e um pouco mais atrás, Miúcha: era 1978 e eles apresentavam no *Parigi Olympia* um show de música brasileira para os italianos.

A imagem ficou pulsando na minha memória, o som se repetiu durante dias. Não tive mais remédio do que ir atrás da canção novamente e, alguns dias depois, do show completo. Aquela mesa, aquele copo "americano" que todo brasileiro conhece: simulação de qualquer boteco onde há risos, choros, encontros com amigos, amores e desamores, tudo ao som da Bossa Nova, de um sambinha daqueles anos. Parece até cartão postal de um entardecer no Arpoador: aquela melancolia risonha, calmaria daquele mar que acalma seus visitantes. Simulação.

***

Estrangeira com sonhos *mil*, com 12 anos de vida sulista acumulados nas costas, com malas cheias de borboletas, com livros imaginários que um dia habitaram uma casinha alugada perto de alguma praia na Ilha da Magia.

Cheguei ao Rio de Janeiro há um ano e três meses. Durante um tempo, morei resguardada num bairro que existe e emana vida na sua praça ou nos seus bares, porém no mapa municipal da cidade não é nomeado. Agora, ando pelas ruas de Santa Teresa, e a voz de Vinícius, de Miúcha e de Toquinho não deixam de cantar na minha cabeça.

***

O Rio de Janeiro é uma cidade indomada: os tempos se acumulam nas fachadas tombadas pelo IPHAN, cujas edificações coloniais e colossais contrastam com os vendedores ambulantes, com o *pivete*, com os moradores de rua. Contrasta com o movimento acelerado de milhares de trabalhadores que passam pelo centro apressados para pegar o trem, o metrô... E, eu? Perdida entre tanta gente, entre tanta história.

Suas ruas escuras, arrugadas pelo tempo contrastam com a plástica dos seus cartões postais: sol, praia, O Cristo Redentor, Copacabana... Quase podemos escutar uma Bossa Nova tocando nesse entardecer feliz. O centro do Rio de Janeiro é um documento histórico a ser lido em contraste com seus presentes de luz, cervejinha, sambinha e chapéus panamá que, por sua vez, contrasta com o aquele *performer* que acredita poder ser chamado de Marginal, embora more num apartamento confortável, antigo de Ipanema, onde ele desfruta de MPB no toca-discos ou de um funk militante no *spotify*.

***

Em novembro de 2019 fui andar de trem: não, não vi os campos irlandeses que aparecem nos filmes que tanto amamos, não. Ramal de Belford Roxo. Sai da Estação central do Brasil, emocionada, sim, você leu bem, emocionada. "Mas, que vontade é essa de ver a parte feia do Rio?" perguntou-me algum amigo; veja bem, recém chegada ao Rio de Janeiro, pensei comigo "bom, se vou morar nessa cidade, é melhor saber como andar pelas suas ruas e seus becos".

Da janela da minha poltrona pude ver ruas, pessoas, espaços abertos, e sim, de repente uma parte mais deteriorada da cidade, com a precariedade de quem não foi contemplado pelos planos do poder público. Essa "parte feia do Rio" me pareceu viva, com sua gritaria, seus sofrimentos, suas mazelas... E, eu? Protegida pela janela do trem.

Durante o trajeto não pude deixar de lembrar-me das ruas "feias" de San Salvador, aquela cidade amontoada do Triângulo Norte da América Central: as estradas cheias de poeira da minha infância. A falta de água, porque o serviço na minha cidade não era regular, como não o é hoje em Santa Teresa ou em Pilares ou no Catumbi. De repente esse Rio de Janeiro parecia tão familiar, assustador, selvagem e, ao mesmo tempo, tão acolhedor.

Não desci se não na última parada para, depois do merecido cigarrinho, entrar novamente ao trem em direção ao centro da cidade.

***

É verão. É Rio de Janeiro. O Céu se nubla para depois deixar o sol se mostrar na sua grandiosidade para nos lembrar que é verão, mas não qualquer verão. É fim de ano, mas não qualquer fim de ano. Parece o fim do mundo nesta quarentena pela metade: a pandemia veio nos trazer tristezas demais, dores demais, pequenas alegrias, pequenos bares instalados em varandas quase mágicas. Pequenas invadem os seus frequentadores do bar da esquina que, com a flexibilização do isolamento passou a crescer.

É verão. É Covid-19. É meia quarentena. É apartamento pequeno. É desemprego. É solidão. É a vida que ainda quer pulsar. Uns pensam na irresponsabilidade destes e daqueles, outros se irritam com "fiscalização de isolamento": uns e outros com a sua razão. Mas, aquela mulher trabalhadora, negra que, toda manhã recolhe as folhas secas de Santa Teresa e do Bairro de Fátima, está lá, exposta com o seu uniforme laranja, uma máscara que a sufoca debaixo desse sol que já, às seis da manhã nos diz "hoje o calor vai te abraçar".

Ela não pode escolher, e esse será o argumento de quem critica a quebra de isolamento de alguns. A crítica é avassaladora, brutal, inclemente. Como podemos ser inclementes com aquela pessoa que na sua solidão de quatro paredes, sem uma barata para conversar decide sair durante três horas (ou talvez um pouco mais).

É Rio de Janeiro. É verão. É pandemia. É tristeza. É alegria. Pequenas ilusões, como este texto atravessado de diversas imagens, diversas ideias (des)conexas. Texto-imagem, como palavras incompletas, rasuradas pela pressa desta cidade indomada.

***

Fiquei ouvindo Toquinho e Vinícius com seus copos e sua voz suave, com a Bossa Nova e o sambinha dos anos 70, com o cartão postal que estampa o Cristo Redentor.

Fiquei com o rock "alternativo/psicodélico" e as ruas escuras, misteriosas, com cheiros de esgoto, ruas que inundam em chuvas torrenciais de quarenta minutos.

Fiquei com o sorriso simples de quem quer te ouvir, mesmo não te conhecendo. Fiquei com o sorriso leve de quem te abraça com o olhar.

Em tempos de isolamento, "tarde em Itapõa" foi o Oasis numa tarde de um domingo qualquer.

Christy Najarro Guzmán

[*réquiem de pequenas sobrevivências*]

Como sobreviver de pequenas alegrias? Instalo-me nos livros, a música se tornou meu refúgio, quase um santuário ao qual recorro todo dia. Às vezes consigo sorrir com alguma besteira cotidiana. Tento não perder o foco dos objetivos, dos sonhos. Quais sonhos? Eles escapam em meio ao turbilhão da pandemia que não acaba, do vírus e suas mutações. Perco-me na notícia sensacionalista, travo disputas com a realidade política que massacra a todos nós, a uns mais do que a outros. Escrevo estas linhas depois de assistir ao sétimo episódio da última temporada de *Grey´s Anatomy*, o seriado que ao longo das suas temporadas não deixou de tratar problemas sociais, políticos e existenciais e, agora, uma verdadeira homenagem a todas as pessoas que faleceram pela COVID-19. Durante quarenta minutos me permito externar a frustração, a dor e a impotência diante da realidade que nos cerca.

Pequenas conquistas me fazem sorrir, afinal de contas, o sorriso é a nossa última arma diante do desastre. Pequenos privilégios que, na verdade, são fruto de sacrifícios de pessoas de carne e osso que choram, sofrem e que, de alguma maneira, ainda encontramos momentos de alegria, me permitem estar diante desse computador escrevendo estas linhas.

Leio, rabisco palavras, faço fichamentos para o estudo de um concurso que parece uma miragem, uma oportunidade... Mas, o presidente, o genocida, o anti-povo e suas políticas da morte me obrigam a pensar que, talvez, aqueles sonhos primeiros devam permanecer na gaveta enquanto a sobrevivência me obriga a trabalhar em outros assuntos.

Uma vez por dia lembro-me daqueles anos de universidade, de abraços, de afetos, de beijos perdidos. As lágrimas ameaçam em rodar rosto abaixo, mas o sorriso de uma esperança que insiste em permanecer me ajuda a viver mais um dia.

As mensagens que chegam pelo *whatsapp* com a voz do meu sobrinho de quase 11 anos me fazem sorrir. Lembrar daquela voz e do seu abraço carinhoso me ajuda a seguir mais um dia. A família a milhares de quilômetros, quanta saudade um coração pode suportar? Às vezes sonho em pegar um avião, passar aquelas tantas horas chatas em trânsito, em aeroportos, mas o dinheiro e o impedimento da viagem (por conta de um vírus, por conta de políticas insanas) lembram-me que, de repente, tenha que esperar mais algum tempo para concretizar o abraço sonhado.

Pequenas alegrias, pequenas conquistas...

O convívio numa casa com sete mulheres me lembra da força que todas nós temos. Rir se tornou a nossa arma mais forte, uma comida compartilhada aqui, a vida que segue entre tambores e um mundo muito particular que, por vezes, alivia (ou fazemos de conta que alivia?) a tragédia... O calor, a brisa e o riso... Pequenos antídotos.

Como rir diante do desastre? Como celebrar aquele emprego novo? Como cantar? Toni Morrison diz que é, justamente, nesse momento, em que as ruínas estão a nossa volta, é justo esse o momento em que o artista cria e a literatura nasce.

Saio. Uso o metrô para chegar ao trabalho e percebo a tristeza das pessoas, o desânimo e a dor daqueles que não podem ficar em casa. Muitos distraídos ou negligentes andam sem máscaras e, imediatamente, penso nos mortos, fico neurótica. Faz um ano que estamos nessa, faz um ano sobrevivemos? Faz um ano que tento não pensar. Faz um ano que tento ler e entre dramas pessoais e o desastre sanitário minha ansiedade ganha mais uma vez a batalha.

Instalo-me na música. Rabisco palavras que insinuam um novo conto. Escrevo artigos (termino?), assisto a mais um seriado. Choro em silêncio. Sonho em abraçar a família. Sonho.

ANA CAROLINE LEITE DE AGUIAR

[*maternolândia – relato de parto*]

A estranheza viera noturna. Sensações novas esgueirando-se corpo adentro, alma fora. Felicidade vestida de dor...profunda incoerência!

Os cochichos e alarmes espalharam-se. Despertaram as mulheres lobas! Vorazes no feminino multifacetado, aproximaram-se atentas: nem um fio de cabelo passa despercebido; sabem exatamente o que é preciso fazer. E fazem, cercando de proteção inabalável a parturiente.

Não demoram os gritos calados, as lágrimas culpabilizadas, o desgoverno de si mesma, o encontro com o irracional! A demanda de força sobre-humana quando o corpo não mais responde, e é roubado de dentro o "eu dou conta", tão certo no funcionamento padrão, o previsível, o característico de sempre, mas nada mais parece conhecer de si...

Chega o instinto de autopreservação, justificando o ímpeto de fugir dali, acabar com a dor, voltar ao porto seguro e à sanidade superestimada, mas há trabalho a fazer; um ser pressiona para nascer!

As mulheres lobas cuidam de tudo: água e amor quentes, mãos seguradas, encorajamentos doces, protocolos e prontos colos. Mas só ela poderia parir!

E pariu!

Enfim, o sorriso extenuado, a ocitocina jorrando em cada poro, o alargamento de todo "eu posso" que já conhecera antes. Não mais o reconhecimento de si, mas a apresentação a uma nova versão dela mesma.

Nasceu a mãe!

O filho já havia nascido em uma cesariana urgente e breve...

ANA CAROLINE LEITE DE AGUIAR

[*lockdown*]

O trânsito, ainda, é livre do lado de dentro.

A saudade veste neón e passeia entre duas artérias cardíacas.

O medo, de rouge-carmim, combinando com o sangue, buzina no engarrafamento, com este, até tarde.

A revolta, rodando pelos bairros altos, anuncia dores de cabeça.

Mas eis que, timidamente, alguém abre a porta dos olhos, põe a cadeira na calçada e rega as íris. Ela boceja, e todos tremem.

“Shhh! Recolham-se! A esperança acordou!”.

A notícia espalha-se dos fios de cabelo às pontas dos pés.

Letícia Torres

[*sem título*]

O céu branco

Seus dedos fechando os meus olhos

Enquanto os cachorros latem

Os motoristas não nos veem

Meu corpo ocupado

Olho sobre olho

Perguntam pelo tempo

Inventam cidades

Famílias, essas coisas

Janelas congeladas

Uma seguindo a outra

Malas, ritmo do metrô

Unhas pretas

Rostos desfocados

O rosto que chega mais perto da câmera

Desfoca sentidos

O que comemos em pé

Como vozes de outras calçadas

E pássaros sozinhos à noite

ÁUREA MARIA

[*balada da desvairada*]

Da janela de casa

Ou no burburinho do Carnaval

A mulher escuta:

Se concentra e senta!

Insistentes pedidos:

Senta, senta, senta

Senta, senta, senta

Senta na piroca

Senta e quica

Quica e rebola

Senta em tudo

Senta em algum lugar

Senta devagar para não machucar

Vai, malandra!

É já que a vergonha passa...

Até meia-noite mulher não paga!

Gentileza ou atrativo?

Quanto vale para ser Cinderela

de um príncipe fastio?

Ei

Mulher quer estar de pé

Mulher não quer ser obrigada a seguir

Sexy-robot-commands

Quer olhar em todas as direções

Não quer seu feminismo

Na boca de quem julga

mulher pela carcaça

Mulher quer escolher

onde, quando e em quem quer sentar

E debochar do olhar duvidoso

a sua plenitude fêmea

por não saber cozinhar

não querer parir

encher a cara na esquina

querer outras mulheres nos seus lábios

E ousar estar à frente

ao lado

nunca atrás de ninguém

Mulher quer gritar

pois o seu grito é o acorde de sua alma

De uma alma que urra

por dias melhores

por mais justiça

por mais amor

e por um respeito

que não custe tantas cicatrizes

tanta dor.

EMANUELA RIBEIRO
[*obra inacabada*]

Já devia ter se passado um quarto de hora, mas Marina continuava a se encarar diante do espelho sem se reconhecer. Buscava encontrar no reflexo um relance de quem foi. Na véspera de completar 45 anos, ela não estaria imune ao seu inferno astral nem a sua autocrítica, libriana que era.

Olhou o coque alto na cabeça que passou a ser seu penteado permanente desde que iniciara o *home office*, as sobrancelhas desalinhadas e as marcas no colo. Ah, essas marcas! Ela poderia jurar que não estavam lá ontem. Se havia alguma coisa que entregava a idade eram essas marcas. A pele parecia ter perdido o viço.

- Bobagem!, gritou em seu pensamento.

Saiu diante do espelho e deixou cair a toalha. Na gaveta de calcinhas não teve muito o que pensar. Escolheu a bege igual a todas as outras. Uma camiseta larga e estava pronta para reinar no seu apartamento de 60m².

Preparou um café, abriu o e-mail e o serviço de mensageria instantâneo da empresa. A sensação de segurar a caneca de cerâmica quente fazia seu corpo relaxar e ia trazendo vida aos poucos a todas as partes do seu ser. Desde que começou a tomar café aos 18 anos, nenhuma bebida incitava reação semelhante. Vida! Esse contínuo repleto de pequenos incidentes que nos sustenta e nos derruba.

Precisava de café para sentir que seus pulmões respiravam, seu coração pulsava, que o dia começava. E pensar que demorou tanto para provar a bebida e o vício mesmo só adquiriu há uns cinco anos. Ela mudou muito, mas nunca percebeu a chegada da mudança. Agora, com um olhar distante se questionava como se transformou em algo tão diferente do que imaginou para si mesma aos 14 anos.

Enquanto inalava o cheiro frutado e intenso do café, as últimas quatro décadas foram passando lentamente em sua mente. Viu todas as mulheres que foi: a filha devotada, a adolescente romântica, a universitária descolada, a pretensa artista plástica, a órfã, a profissional, a esposa, a mãe que não chegou a ser, a antissocial, até

chegarmos na cínica. Não sabia em qual delas conseguiria se reconhecer. Qual delas era apenas Marina.

Dizem que, ao ficarmos a sós, conseguimos ser nós mesmos. Era isso que ela necessitava agora, o alívio de ser ela mesma. Mas sentia que se tornara uma pintura inacabada como tantas telas que acabaram na lixeira de casa: a vocação que não passou de hobby; os pais que perdeu num piscar de olhos; o casamento que não deu certo; a gestação que não chegou a termo. Era uma daquelas situações em que a pessoa se pergunta: poderia ter feito diferente?

Não restou nada agora na caneca, nem em sua mente. Decidiu, então, voltar a ser Marina profissional. Viu uma mensagem do chefe que perguntava sobre o projeto de logomarca de uma empresa de arquitetura. Ela já havia terminado há uns dois dias, mas estava "valorizando" o trabalho de criação e tardando em encaminhar enquanto ainda estivesse dentro do *dead line* do cliente.

Trabalhar com *designer* não era tão diferente assim de pintar, era? Não eram telas, não usava pinceis, mas conseguia fazer algumas aquarelas com os programas de computador.

Já ia voltar com isso? Não conseguia entender o porquê de todos esses pensamentos hoje. Seria apenas a proximidade do aniversário? Não. Sabia que, na verdade, ela era uma esponja encharcada de sentimentos, que vivia para não os deixar derramar.

Para se encaixar no mundo e, especialmente, para não sofrer com esse torrencial de emoções, precisou aprender a ser cínica. Mal sabem que por detrás do discurso e da cara amarrada está a frustração de nunca ter correspondido a nenhuma norma social.

Até hoje com 45 anos, lutava para se adequar. Conseguiria algum dia? No seu guarda-roupas desde logo, não. Um quilo aqui e outro acolá, nos últimos meses já foram dois novos números na calça. Leggings eram suas melhores amigas agora.

E-mail enviado, novo *job* recebido. Agora precisava achar a paleta de cores perfeita para uma clínica de procedimentos estéticos que abriria em breve na cidade. Usou os aplicativos de sempre, abriu o *photoshop*, mas não encontrou nada ali. Vasculhou as gavetas da mesa. Lembrou de uma caixa no alto da estante do quarto. Depois de se equilibrar no banco e jogar tudo no chão, encontrou uma velha caixa de lápis de cor. Junto havia alguns pincéis e uma caixa com cubos de tinta aquarela. Não tinha paleta, mas a caixa mesmo deveria servir. Demorou, mas encontrou o papel especial. De repente, com o lápis fez alguns traços, logo passou o pincel na tinta, umedeceu e as cores começaram a surgir e dar vida às linhas. Trocou de pincel, escolheu outra cor, umedeceu menos dessa vez. Pegou o lápis e fortaleceu alguns pontos.

Parecia querer esboçar um retrato, sem se aperceber olhou-se novamente no espelho. Como no desenho seria apenas questão de perspectiva. Talvez as marcas não fossem tão ruins. Quem sabe, agora, despida de tudo o que achou ser o correto para si, ela poderia finalmente encontrar-se com Marina. E ela não seria nenhuma daquelas que já passou por seu corpo, pois segue em construção como na imagem. Os traços estavam lá, mas eram indefinidos, as cores tentavam conversar entre si para achar o melhor tom. Ainda assim, havia beleza. Não aquela estática nas telas. Era incompleta. Inacabada. Mas com o pincel na mão sentiu que só dependia dela finalizar.

Malu Bortoletto

[*tempespaço - (notas sobre um espasmo cerebral a cada heartbeat)*]

não sou médica, advogada, professora, arquiteta, poeta, nem ao menos humana, temporária estou nessa nave, entre surtos e chutes ainda tento, confusa, entender o nome do nome que as coisas têm e, para além, significado padronizado, institucionalizado e petrificado no que se nomeou "real" - pura invenção dessa raça que invadiu esse minúsculo ponto azul da galáxia e dessa forma o "civilizou", "domou", "treinou", "condicionou" nessa grande e artífice projeção coletiva sadomasoquista que a todos nos massacra nessa tarefa sísifa e incessante. Como alimentar imitações e limitações de eternas e metafóricas cavernas de Platão, das origens da Criação que sangram necessidades urgentes do querer mais e mais e mais e mais, sempre servil ao próprio umbigo, para além do terror da própria solidão, para além dos desejos, para além das fomes do corpo, do jugo da mente que a tudo chicoteia interna-mente, temerosa da inexorabilidade da morte - apenas outro mote de vida - temor importado de nossos ancestrais - apenas outras versões de nós mas ainda nós assim como nós assim como nós. Matar essa fome - tentar novas formas aos próprios signos inventados - a primeira audácia à qual todas as demais se seguiram - ora, pois - do verbo fez-se carne que come carne, massacra carne, violenta carne, terra, céus, mares, cores, etnias, espécies, elementais, fauna, flora, o "Milagre dos Peixes"! - esse movimento vivo que atira pedras ao pressentir o mínimo pavor de ser por uma atingido aqui, nesse sono a que se deu o nome "realidade" - e aqui tudo são nomes (catalogados em muitos e muitos livros, como tão ricamente por Borges descritos, assim como se dizem dos akáshicos, registros canalizados por seres de Aquarius): as partes de um corpo, as emoções desse corpo, as sensações desse corpo, as frequências desatinadas da mente dentro do corpo, seus múltiplos layers, as fugas feitas de tatos, de sonhos, de estranhos corpos que juntos tentam escapar através desses mesmos portais, acalentando a ilusão de ter o domínio sobre o terror da solidão, algoz de todos nós, micro fragmentos mirando-nos em espelhos múltiplos e quebrados presos na mesma teia em que somos predador e presa - e pressa, temos

que tê-la ocupada sempre, alucinados sempre: rapidamente atropelamos qualquer pequena fresta negociando-as por um quase nada: uma necessidade básica, orgânica - comida, água, sangue, sexo, fezes, saliva, vômitos, espasmos. Saciadas, exponenciamo-las a graus infinitos de outras tantas supérfluas a um só tempo também necessárias - os excessos que cometemos para tentar não sentir esse enorme buraco negro que nos suga, esse vazio que devora - compulsões nossas de todo santo dia e de todos os outros, se profanos tivermos a sorte de vivê-los... sair correndo, coração disparado - não ligue, ele também, apenas densa matéria escura criada do nada - de um espirro, um peido, um hálito, um despejo. Sair correndo, voltar para onde saímos, sem garantia alguma (como ter certeza de que de lá também não colocamos a urgência na fuga para onde estamos agora: ilusão, delírio, “realidade”?). se ao menos pudéssemos ter a certeza do nada, essa paz serena, límpida, transparente e inócua - onde não há pecado, nem perdão.

Malu Bortoletto

[*poesiar ou posar*]

gosto de ser poesia

acordes de música

pinceladas num quadro

mas gosto de ser pessoa

- o que Pessoa diria

[e todos os seus heterônimos]

se deixasse de ser Pessoa

pra ser somente um gosto

que traz à tona

apenas uma obra exposta

e como pessoa feita de carne

osso coração pescoço

abandonada fosse nos sótãos

dessas paredes

que através do tempo

continuamente

escoam.

Cristiane Kovacs Cardoso

[*tanka sem título*]

Havia doído

Tanto tempo pra curar

E sofrer de novo?

O coração repartido

E o sol no azul caindo.

Cristiane Kovacs Cardoso

[em meio ao caos]

Em meio ao caos

Suave música soou

Fugi, fugi de mim

Olhei o alto, olhei o céu

Um ar profundo, ameno e lento penetrou

Uma alegria boba...

Felicidade pulcra

Ingênua

Menina

Louca

Adulta?

Aquela esta que me habita

Brisa vem, maresia tempestade

Da vida morna me arrebata e ressuscita...

Voltei ao caos

Onde, onde o caos

Se esse mar azul que brota

Confunde-me a visão

E tornou-me... Borboleta?

Thamires Carvalho Baia

[*a amiga de joão*]

João tinha 4 anos e era um menino solitário, retraído, triste, comportado e tinha muito medo de desobedecer seu pai, que parecia sempre tão zangado. Ele morava com seu pai e a sua mãe em uma casa isolada no final da rua 10, era filho único e não tinha amigo algum, não tinha ninguém pra brincar com ele ou contar uma história durante a noite, era o horário que sentia mais medo. Somente uma silhueta pequena, de cor preta, dedos compridos, dentes e orelhas grandes e que saía de seu armário todas as noites era a companhia do menino, a silhueta não parecia humana, então João a chamava de Criatura e a considerava sua amiga.

O seu pai saía para trabalhar de manhã cedo e voltava pela noite, furioso. João não entendia o porquê, mas sua mãe o botava para dormir e seu pai sempre gritava de longe "não toque no telefone, João, isso não é para crianças e nem da sua conta". Acontece que quando a mãe o colocava para dormir, em poucos minutos Criatura aparecia para brincar com João, mas Criatura sempre falava:

— Vamos brincar com o telefone, João!

O menino com medo de desobedecer ao pai, dizia que não, porque tinha medo do pai e se Criatura fosse sua amiga, deveria entender. Então ela cantava a noite toda para João, até amanhecer e o menino não ouvia mais nada, só a canção de Criatura que era linda e mágica.

— Dorme João, acalma o coração. É seguro e acolhedor aqui na escuridão ♬

No outro dia, João ia para a escola e como sempre, ninguém queria ser seu amigo, todos achavam que João era triste, tímido, retraído e na verdade gostavam de fazer brincadeiras maldosas com ele.

A sua mãe o buscava na escola e ela assim como ele era tímida, retraída e sempre estava com suas blusas de manga longa, pois sentia muito frio e as pessoas pareciam que a olhavam com tanta dó.

Quando seu pai chegava à noite, a mãe corria para colocar João para dormir e logo em seguida Criatura aparecia e dizia:

— Vamos brincar com o telefone, João!

E João dizia ter medo do pai e que não podia, então Criatura cantava a noite inteira até amanhecer.

Certo dia, Criatura não apareceu e João curioso procurou por ela pelo quarto, mas não a encontrou, então decidiu pegar o telefone de fininho com medo do pai, mas precisava fazer algo para sua amiga aparecer.

No telefone tinha somente um contato cujo nome estava salvo “ligue, João”, mas ele ficou com medo de desobedecer seu pai que sempre dizia que telefone não podia, que telefone não era para crianças e que ele não deveria mexer no telefone, mas mesmo assim, sua mãe deixava o telefone no quarto de João.

Nesse momento, Criatura apareceu furiosa e gritou:

— LIGUE JOÃO!

— LIGUE JOÃO!

— LIGUE JOÃO!

João de tanto medo deixou o telefone cair no chão. Criatura se acalmou e pediu desculpas para João que estava encolhido no cantinho da parede. Ela disse:

— João, eu sei que você tem medo do pai, não se culpe se você não o desobedeceu. Você é um menino especial.

— Criatura, eu tenho medo, minha mãe vai ficar brava?

— Não João, a culpa não é sua. Você não precisa ouvir, posso cantar para você?

E então a única amiga de João cantou até amanhecer.

— Dorme João, acalma o coração. É seguro e acolhedor aqui na escuridão ♬

Ao amanhecer, Criatura não estava mais lá. João estranhou que sua mãe não o chamou para ir a escola, ao sair em busca da sua mãe encontrou seus pais mortos, mas seu pai levava uma arma de fogo nas mãos.

Thamires Carvalho Baia

[*finge não ver*]

Não quero, mas preciso,

necessito: antidepressivo.

Citalopram, moclobemide

Tranilcipromina, trimipramina

Lofepramina, protriptilina.

Emprego, dinheiro e pessoas,

Pessoas

PESSOAS,

não dá.

Em casa tem tarja preta

Preta, escura.

Isso não trata a solidão,

a imensidão, da escuridão.

É pra dormir, só dormir.

Suicida em potencial

Sociedade desleal,

que finge não ver,

com drogas nas mãos,

o pagante de impostos morrer,

fatigar,

ficar sem ar.

É difícil dizer

É sofrido sentir

Complicado de ver

O jovem

No refúgio

desistir.

CARLA GUERSON
[*deusa*]

Ela acorda todo dia às cinco e trinta e cinco. Ao lado da cama o despertador que só toca para não perder o costume. Na agenda o espaço em branco, o primeiro compromisso ela marca para as oito. Antes disso, o horário é reservado para o seu ritual diário.

Na casa que ainda dorme, apenas a cafeteira lhe faz companhia. A água borbulha ao ritmo de suas ideias. O pijama dá lugar à camiseta suja e ao avental. O escritório convertido em ateliê está à sua espera.

O barro endurecido recebe a água logo após a primeira xícara de café. O despertar do material lhe alimenta, ela anseia por aquela massa disforme. O toque violento de suas mãos transforma o nada em matéria. Ela dobra, abre, dobra de novo, incansável. Até obter a massa lisa que vai dar à luz a peça desejada.

Molda cada pedacinho, pequenas bolas perfeitas. Seus dedos ágeis e compridos trabalham em um ritmo frenético. Alisa repetida vezes com a espátula, na busca das proporções exatas, a forma ideal.

Do lado de fora, os sons da casa avisam que é preciso parar. O bebê chora exigindo sua presença, o telefone toca demandando sua atenção. Os afazeres aguardam sua vez de lhe retirar do fluxo, um a um.

Ela abandona na estante sua criação, um pequeno homem de barro, inacabado. No dia seguinte, irá destrui-lo e recomeçar até que obtenha a versão final. Mais um exemplar para ornar sua estante cheia de homenzinhos perfeitos que ela às vezes resolve por destruir. Sem critérios, apenas por vontade. Quem morre e quem vive, é ela quem decide.

Ao pensar isso, se sente forte. Mas suas mãos estão sujas.

CARLA GUERSON

[*tempestade*]

Queria gritar para ela sair dali.

Saia, menina, não está vendo a chuva chegar?

De longe, prostrada em minha janela, percebo que ela jamais me escutaria. Brinca distraída, sem olhar para o céu. Seus olhos só veem o chão e os riscos de uma amarelinha desbotada que ninguém mais pulou. Sua solidão é palpável, quase posso senti-la chegar até mim junto com os primeiros pingos da prometida tempestade. Do lado de dentro também está nublado.

Penso em fechar a janela, mas estou presa a olhar a menina. Por que ela não se assusta? Por que os raios e trovadas não conseguem alertá-la da necessidade de ir embora? Ela não consegue ver que é hora de se retirar?

A chuva resolve cair com força e percebo que nada vai abalar a brincadeira da menina. Sua saia vermelha está encharcada, mas ela continua pulando. A força da lembrança me solavanca, a saia que não era vermelha e que não disfarçava a sujeira. A tempestade que chegou violenta. A apatia que me tomou, o arrependimento de não ter ido embora quando os primeiros raios anunciaram.

Diferente da menina, naquele dia eu não estava sozinha. Não percebi a chuva começar a cair e continuei a brincar. Não percebi a presença dele e continuei a sonhar. Não percebi os olhos que me vigiavam quando tentei me refugiar debaixo da árvore naquele terreno baldio.

E se alguém tivesse gritado? E se tivessem tirado de cima de mim aquela tempestade que me assolapou sem que eu percebesse seus sinais? E se eu tivesse tido a oportunidade de

fugir antes que terminasse encharcada de líquido e sangue e lama e tudo mais que tinha saído de mim e da tempestade e do trovão? A voz do trovão. A força, a dor, o medo, o nojo. O frio.

Grito forte: vai embora, menina. Corre!

Ela olha na minha direção, não consegue me ver. Não sabe de onde vem o grito.

Corre! — grito de novo, mais alto. Ela sente medo. E corre. Espero que para sempre. Espero que para longe.

Fecho a janela e aguardo a tempestade passar.

Ainda chove dentro de mim.

Flávia Arruda

[*há em tudo que fazemos uma razão...*]

Há em Tudo que fazemos.

Uma razão singular;

É que não é o que queremos.

Faz-se porque nós vivemos.

E viver é não pensar.

Se alguém pensasse na vida;

Morria de pensamento.

Por isso a vida vivida

É essa coisa esquecida.

Entre um momento e um momento.

Mas nada importa que o seja

Ou até que deixe de o ser

Mal é que a moral nos reja.

Bom é que ninguém nos veja.

Entre isso fica viver.

(Fernando Pessoa)

Eu já estive aqui há algum tempo, ou melhor, acho que nunca saí daqui. Caminhei por espaços iluminados e escuros, sombrios e reveladores. Havia dado uma trégua temporária aos meus questionamentos, íntimos e profundos, sobre o que somos o que fazemos e como vivemos. Até ler novamente um dos poemas de Fernando Pessoa.

E a vida... Como diz o poeta "entre um momento e um momento" estão os retalhos que constroem a colcha de nossas vidas, aos quais nos agasalhamos nos momentos de frio, nos enfiando por debaixo dela no afã de esconder os nossos mais

sórdidos segredos, envergonhados por sermos humanos e mortais, embutindo-os entre uma emenda e outra. Cingindo os desalentos em busca do entendimento.

Cose e descostura. Emenda e "desemenda". Apara e faz o embainhado. Acertando e errando nos tamanhos e quantidades. Falando demais, ou aquietando-se – entre a verdade e a sinceridade... Aí estão os esforços nossos de cada dia, entre as intimidações sociais e a subjetividade que emana das entranhas.

Dos retalhos, uns coloridos outros opacos, vão dando formas e cores às individualidades do nosso íntimo, sobrepondo tramas da razão e emendas da emoção. Entrelaçando-se entre os nós cegos, que fecham as costuras em seus arremates finais.

Isso é o que somos: pedaços de seda nobre, algodão, lã, chita e juta. Felpudos, lisos, macios ou ásperos. Pedaços bons e ruins, trapos e farrapos, melhores ou piores, puro linho e seda nobre. De tramas fechadas ou em telas vazadas. Colchas que, apesar da variedade das formas, texturas e cores, estão forradas e revestidas pela manta viva dos nossos desejos e vontades, alinhavadas pelo discernimento acolhedor, que nos possibilita viver a vida em todos seus vieses. Assim. "Se alguém pensasse na vida; / Morria de pensamento".

BÁRBARA MARIA

[*sem título*]

Senti o medo me acompanhar diante dos meus passos acelerados
O coração desenfreado, as ruas são insanas e nunca sei o que me espera no final delas.
Carros em constante velocidade, buzinas, medo e medo.
Para quem já teve o corpo violado, corpo tocado de forma rude, ignorante, sem permissão o medo é sempre o protagonista das noites com direito a insegurança de coadjuvante.

O silencio gritante que corta a garganta, difícil gritar quando a outros lugares que sangra;
Congelado o olhar de quem faz um pedido, dá para ver o medo abraçando o corpo, através dos olhos vejo lobos e me sinto servida em bandeja de prata.
Já cai na triste ilusão que era a roupa, já acreditei o que era louca, mas no fim vi o que motivo era por ser mulher.
Quando se é mulher preta a gente aprende desde cedo a lutar duas vezes, tanto com o racismo como o machismo.
Silenciada por anos, sem lugar de fala, sem ser representada; já me senti fora desse mundo.
Numa caixa de padrões e paradigmas.
No lugar sem perspectiva, aprendi a ser minha amiga, a guerra não é comigo, mas o inimigo está sempre me perseguindo.
Com voz que já foi falha e até calada por medos grito e recito.
Com punhos que já sangraram e hoje escorrem poesia.
Fiz do medo do mundo meu guia, joguei o cansaço para o alto e hoje grito e exalo poesia,
Resisto através das palavras, essas que sempre estiveram na minha estrada, corri na correria para estar na sala de aula.

Enfrentei tantas coisas e nem estou no fim da caminhada, meu nome ainda vai ecoar em vários lugares seja nas sacadas, escadas, casas, corações, canções; cada cantinho dessa cidade saber meu sobrenome.

Mírian Freitas

[*female*]

Quantos anos se passaram para que eu pedisse

redenção:

– absolvas-me do pecado de ser eu mesma

impureza e tempestade

vivo de purgar-me como um erro contínuo

escrito nas paredes

nos muros

nas nuvens

no deserto

vivo assim, como quem existe pela metade

indo na contramão das águas

sem saber falar de amor aos homens

sem abrir a boca para esta terra esquecida

(a memória convalescente a tatear paredes mórbidas).

Gosto do tempo em que guardava no peito o amor

e alguns poemas sem a chaga da agonia.

Agora minha sina se faz,

a verdade é mais funda:

– eu sou bicho fêmea e não minto meus instintos.

Geruza Ilha

[*demissão*]

Lisa saiu do prédio no qual trabalhara por dez anos. Segurava nas mãos uma caixa com todos os seus pertences. Ela se virou para admirar a grandiosidade da construção. Como era linda! E ela adorava fazer parte daquele grupo. Trabalhava ali desde a faculdade. Fora seu primeiro emprego – aliás, começara como estagiária. Depois de seis meses estagiando, fora chamada à sala do diretor da empresa, que lhe atendera pessoalmente. Fora ele mesmo quem lhe dera a notícia de ser efetivada como funcionaria. Lembrava-se muito bem daquele dia. Quando entrara na sala, o diretor lhe pedira que se sentasse. Ela, toda acanhada, se sentara na cadeira indicada.

"Por sua dedicação, srta. Lisa Lentel, a partir de hoje, será efetivada como funcionária desta empresa." Isso, ela jamais esqueceria.

Chegara em casa e contara a novidade. Seu pai até abrira uma garrafa de vinho para comemorar.

Para demiti-la, o diretor a mandara ao RH. "O que mudou?", Lisa se questionara. Demitida com uma desculpa daquela! Fora a desculpa mais esfarrapada que já ouvira na vida para deixar alguém sem emprego. Ela sabia que aquilo era mentira. Os funcionários poderiam até estar com dificuldades financeiras, mas aquela empresa?! Não, definitivamente não estava. Seu amigo que trabalhava no setor de finanças, em conversa informais na mesa de um bar qualquer, nos finais de semana, sempre lhe passava o faturamento anual.

Com certeza tinha sido fofoca da secretária novata. Lisa pudera ver na cara dela quando chegara avisando para que fosse ao RH. Ela tinha um sorriso irônico no rosto. Só poderia ter sido ela a envenenar a cabeça do chefe. Mas agora não adiantava pensar em nada daquilo; precisava pensar em como contar para seus pais. Ela tinha certeza que eles achariam que Lisa tinha aprontado alguma coisa pra ser mandada embora assim.

Ela entrou no metrô e sentou no primeiro banco que vira vazio – se bem que, naquele horário, o metrô era vazio. Ela estava fazendo o caminho contrário.

Com a caixa no colo, ficou observando o entra e sai dos passageiros nas estações. Estava quase cochilando quando, em uma estação, entrou uma senhora. Lisa não deu muita importância, mas a senhora sentou-se ao seu lado. Lisa continuou nos seus devaneios. O que faria agora que estava sem emprego? Teria que arranjar outro e logo. Não queria depender de seus pais nem que sua filha passasse nenhuma necessidade. Esfregou os olhos para espantar o sono, mas também sair daquele pesadelo. É, porque sua demissão parecia um pesadelo. Nunca imaginara na vida que seria demitida daquela forma. Como se fosse um cachorro sarmento. Seu chefe não lhe dera aviso prévio! Preferira pagar o mês do que deixa-la cumpri-lo trabalhando. Ela realmente não entendia.

Saiu do seu devaneio com um enorme susto quando sentiu uma mão segurar a sua. Seu primeiro impulso foi puxar a mão e, ainda, dar uma bronca; ao olhar para aquela mão enrugada e cheia de sinais do tempo, desistiu. E sentiu uma energia boa invadir seu corpo. Mesmo se quisesse retirar a mão, não conseguiria. Parecia que uma onda de calor lhe invadia a alma. Ela sentiu-se tão bem que colocou o cotovelo esquerdo em cima da caixa, apoiou a mão no queixo e deixou-se ficar assim.

Despertou quando a voz do autofalante anunciou sua estação. Ela rapidamente soltou a mão da senhora que pensara segurar, mas percebeu que tinha ali apenas o seu chaveiro em forma de coração. Olhou para todos os lados e o que viu foi um rapaz sentado com um fone nos ouvidos, alheio a tudo que acontecia à sua volta. Queria perguntar se tinha visto a senhora que sentara ali antes dele, mas não deu tempo, porque a porta do trem se abriu e ela tinha que saltar. Pensou ter cochilado e sonhado, mas a sensação e o cheiro que tinha na mão eram bem reais. Não fora um sonho, porque aquele cheiro de canela misturado com baunilha estava entranhado em sua mão.

Entrou no ônibus que lhe deixaria na porta de casa. Ao chegar, sua filha estava pronta para ir para a escola, então pegou sua pequena e andou até a porta do colégio. Depois de deixá-la, foi ao supermercado. Comprou alguns ingredientes para bolo, inclusive canela e baunilha. Chegou em casa pegou a batedeira e fez um bolo usando aqueles dois ingredientes. Todos comeram e se deliciaram.

Lisa foi para a cama, levou a filha consigo e abraçou-a bem aconchegada em seus braços. Em seu ouvido, falou-lhe que ia dar tudo certo. Naquele instante, lembrou-se do que a senhora no metrô lhe dissera. Sim! Sim! Ela agora se lembrava. "Vai dar tudo certo", fora o que ouvira daquela senhora.

No dia seguinte, levantou bem cedo. No computador, fez um cartão com seu nome e telefone. Na descrição: faz-se bolo. Foi para a cozinha, bateu dois bolos e cortou-os em fatias bem finas. Vestiu-se e foi para a porta da escola. A quem chegava, ela entregava um pedaço de bolo e seu cartão. Voltou para casa. Apesar de a mãe perguntar por que não tinha ido trabalhar, ela não respondeu; disse apenas que estava de férias.

Dois anos se passaram. Lisa já era considerada a empresária mais promissora no ramo da confeitaria. E durante esse tempo, não havia voltado ao local onde trabalhara. Mas aquele anúncio! Ele a fizera voltar ao dia de sua demissão. Pela primeira vez, ela tinha parado para olhar como era lindo aquele prédio. Imaginou que era hora de voltar ao passado. Pegou sua pasta, ligou para o advogado. Ligou o carro, conectou o bluetooth e cantou com a música. Seu advogado já lhe aguardava na porta do prédio.

Os dois foram anunciados. Lisa, de cabeça erguida, adentrou a sala de seu ex-chefe. Com enorme surpresa, ele a olhou.

"É você quem quer compra o meu restaurante?", perguntou o ex-chefe, que tinha por trás de si sua ex-secretária, agora sua esposa.

Lisa apenas sorriu diante da surpresa e do sorriso amarela dos dois.

MARIANE DIAZ

[*emaranhar*]

Há laços que são emaranhados antes mesmo de sermos concebidas... Assim é com Dona Lucila. O ventre que acolheu o ventre de minha mãe nutre em cada pedacinho da minha célula uma relação para além da genética. É a ancestralidade... Sinto, em cada passo, um caminhar com minha avó. Em todas as escolhas há um cadinho dela. Escuto sussurros de vovó nos meus sonhos. E eu, que sempre reclamei por não sonhar, acordo com a sutileza das memórias contadas por vovó enquanto adormeço. Há uma sabedoria que diz: "somos os sonhos dos nossos ancestrais". Acho que é por isso que Dona Lucila usa esse momento para me lembrar de meu caminho... Bem que vovó me dizia... Nossos laços são de outras vidas.

A benção, minha avó.

Eita, que é bom emaranhar com você, vovó!

Ena Cardoso

[*a casa grande*]

Corriqueiramente costumamos ouvir coisas aleatórias que parecem ser impossíveis, mas que ainda assim as desejamos com tanta força que acabamos por senti-las em nossos ossos. Era esse tipo de sentimento que alimentava os dias turvos de Sandra; uma garota de sorriso amarelado, olhos negros cintilantes, pele queimada de sol e longos cabelos secos. Morava à beira da estrada e só conhecia duas coisas: a fome e a dor que ela lhe causava.

Não tinha pai e nem mãe, ou melhor, esqueceu-se deles, lembrava apenas do cheiro pútrido de seu antigo lar misturado ao do cigarro e álcool exalados pelo seu pai; da sensação de seu rosto molhado, de sangue escorrendo entre suas pernas e uma mulher com os olhos revirados jogada ao lado da porta. Essa lembrança não a fazia sentir nada, tinha esse vislumbre vez ou outra e não entendia o porquê. Sandra sonhava muito com as coisas que via por onde passava, afinal lhe restava apenas isso, não importava se era dormindo ou acordada desde que lhe fizesse esquecer a fome. Certo dia, em uma das suas longas caminhadas em busca de comida, avistou uma casa grande que tinha muros baixos sobrepostos por grades de ferro; ao se aproximar mais percebeu que haviam letras escritas na fachada da casa, "U.E. Joaquim Contente", viu também meninos e meninas com o seu mesmo tamanho, correndo pra lá e pra cá. Um som ecoou: "UUUUUUOONNN", todo mundo parou de correr e entrou em salas, apenas ela ficou ali, sentada na calçada com as mãos segurando as grades do portão, o rosto colado entre o espaço de duas barras de ferro, lançando um olhar curioso para dentro daquele lugar quando uma mulher, estranhamente familiar, apareceu e lhe perguntou:

-Quer entrar? Vamos começar a contação histórias.

- Eu posso? Essa casa parece ser tão grande, tem tanta gente aí... O que é contação de histórias?

- Claro que pode! Sempre terá um lugar para você aqui, quanto à contação de histórias entre e descubra.

A história era sobre uma donzela que ficava presa na torre de um castelo e o príncipe ia resgatá-la, Sandra adorou ouvi-la, sentiu um calor gostoso e sorriu. Logo após esse momento, todos foram a um lugar com panelas gigantes, pratos, copos e colheres azuis, pela primeira vez em muito tempo comeu arroz, carne, bebeu suco e encheu a barriga, queria repetir mais uma vez, mas foi impedida pela brusca sensação da realidade.

Durante a noite, a garota desmaiou enquanto caminhava e sonhou, caiu entre o acostamento e a via em que os carros passavam. Na manhã seguinte alguns viajantes puderam ver um corpinho magro esmagado até a cintura, na parte que sobrou dele tinha um rosto com um sorriso fechado, olhos vazios e fitos no céu.

Andreza Andrade

[*br 381*]

Cozinhei um verso a viagem toda;

Quando chegar eu escrevo,

Quando chegar eu esqueço.

Levei as palavras que me orbitam para a estrada,

Não sei mais se estou indo ou vindo.

Buracos e lama, parece ter chovido muitas águas.

Avisto uma Sumaúma rosa,

Lembro do batom que o Buco Maxilo recomendou que eu usasse, o gloss não a cor.

Assim você para de morder os lábios, ele disse, alivia a ATM.

Droga, esqueci a placa de mordida!

Engulo ansiedade como quem come veneno e sabe,

Devo ser amiga da sorte.

Agradecimento

A Tamarina Literária agradece a participação de cada mulher envolvida no acontecer deste projeto, destacando a importância de suas contribuições para um espaço múltiplo de diálogos e temas que não foram propostos por um outro, mas que, tendo sido completamente livre, acolheu as mais variadas formas de expressão aqui presentes.